



Habemus Papam: Instituição, acontecimento e performance na formação de uma celebridade instantânea

Habemus Papam: Institution, event and performance in the formation of an instant celebrity

RENNÉ OLIVEIRA FRANÇA¹

Resumo

De quase-anônimo a figura pública mundial, o papa alcança a fama de forma imediata, e a eleição do papa Francisco será aqui analisada em suas repercussões midiáticas. Trata-se da formação de uma figura célebre que passa pelas relações entre uma instituição secular, com suas tradições e performances que, somadas ao discurso midiático, fundam um acontecimento capaz de levar alguém praticamente desconhecido a celebridade inserida na memória social. “Habemus Papam” não anuncia apenas um novo líder. Ela estabelece a criação de uma celebridade.

Palavras-Chave: Celebridade; acontecimento; jornalismo; papa

Abstract

From an almost-anonymous to a public figure for the entire world, the Pope achieves an immediate fame, and the election of Pope Francisco will be analyzed here in its media repercussions. It's a formation of a celebrated figure that passes through the dialogue between a secular institution, with its traditions and performances that, added to the media discourse, founded an event that can transform someone virtually unknown into a celebrity inserted in social memory. “Habemus Papam” does not only announce a new leader. It establishes the creation of a celebrity.

Keywords: Celebrity; event; journalism; pope

1. INTRODUÇÃO

Em 19 de abril de 2005, Joseph Aloisius Ratzinger deixou de ser um homem comum para se tornar o papa Bento XVI, instantaneamente conhecido em todo o mundo. O novo líder da Igreja Católica foi o primeiro eleito em tempos de internet, com a rápida circulação de informação atuando tanto a favor como contra sua imagem. Acusado de ser antipático, sério e reservado, Ratzinger sofreu comparações com monstros, fantasmas e até com um dos vilões da saga cinematográfica *Star Wars*, o imperador Palpatine². Nestes novos tempos, algo ficava claro: não bastava mais

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, renneof@gmail.com

² Disponível em: <http://cheezburger.com/1701045504> Acessado em 07/08/13.

ser um líder, era preciso ser simpático, um herói. Não bastava ser papa, era preciso também funcionar como celebridade.

É interessante como Bento XVI recebeu várias críticas baseadas mais em sua imagem do que em seus atos. Ao renunciar, cinco anos depois, esta imagem se transformou e o papa emérito foi substituído por um líder que funciona muito bem como celebridade. Jorge Mario Bergoglio “parece” mais papa do que Ratzinger? Mas qual seria o “rosto” de um papa? Esta preocupação com uma imagem específica (talvez uma influenciada pela do anterior João Paulo II) do que deve ser o líder da Igreja revela que vivemos em uma contemporaneidade marcada pela aparência como influência da autoridade. Bauman (2000) explica que atualmente tendemos a nos relacionar mais com conselheiros do que com líderes. Isto seria resultado da falência de um engajamento coletivo e a ascensão de interações que podem ser desfeitas a qualquer momento: o conselho pode não ou ser aceito, ao contrário da ordem dada pelo líder, que tem que ser cumprida. Os conselheiros mais respeitados, por sua vez, seriam aqueles que servem de exemplo, ou seja, os mais sedutores, interessantes o suficiente para chamar a atenção. Segundo Bauman, as celebridades teriam maiores condições de ocupar estes espaços exemplares dentro da sociedade.

A formação de celebridades instantâneas é algo próprio da época atual, pois a imediatez das práticas culturais, comunicacionais e econômicas teria levado a uma fraturação de tempo e espaço que faz com que a valorização da novidade leve à efemeridade da própria novidade. Um vídeo na internet, um crime hediondo, uma gafe tornada pública: as formas de se tornar célebre são tão variadas quanto a rapidez com que a nova celebridade é esquecida. Mas aqui se atenta para uma forma de celebridade que, apesar de instantânea, é duradoura. De quase-anônimo a figura pública mundial, o papa alcança a fama de forma imediata e destinada à História. Trata-se da formação de uma figura célebre que passa pelas relações entre uma instituição secular – a Igreja Católica –, com suas tradições e performances próprias que, somadas ao discurso midiático, fundam um acontecimento capaz de levar alguém praticamente desconhecido a celebridade automaticamente inserida na memória social. Com a renúncia de Bento XVI teve início um processo discursivo que envolvia surpresa, intrigas e mistério na criação de um suspense que convergiu no acontecimento Conclave e a consequente eleição do novo líder católico. A escolha do argentino Bergoglio como o papa Francisco será analisada em suas repercussões midiáticas na compreensão da apresentação de um indivíduo que não apenas estamparia todas as capas de jornais do dia seguinte ao acontecimento, como já se tornava conhecido ao redor do planeta de forma instantânea pelas redes digitais. “Habemus Papam” não apenas anuncia um novo líder, mas cria uma celebridade e sua inserção em nossa memória socialmente compartilhada.

2. PAPA POSTO...

A renúncia do papa Bento XVI rompeu com as expectativas. Em pleno carnaval brasileiro aerólitos atingiram a Rússia, um asteroide passou próximo da Terra

e o atleta paraolímpico Oscar Pistorius foi preso pelo assassinato da namorada. Mas nenhuma das notícias parece ter gerado mais repercussão do que a escolha de Joseph Ratzinger em abandonar o papado³. O anúncio foi pela primeira vez divulgado por Giovanna Chirri, da agência de notícias italiana *Ansa*. Ela era a única jornalista que falava latim presente na reunião de Bento XVI com os cardeais no dia 11 de fevereiro. “Bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro renunciar ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro, a mim concedido pelas mãos dos cardeais em 19 de abril de 2005, de modo que, a partir de 28 de fevereiro de 2013, às 20 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro, estará vaga e deverá ser convocado, a quem compete, o conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice”, declarou o papa⁴.

Em meio à fissura provocada pelo acontecimento no cotidiano, poucos minutos depois as redes sociais como *Facebook* e *Twitter* foram rapidamente substituindo os comentários sobre os desfiles das escolas de samba no Brasil pela surpreendente renúncia papal. Os comentários variavam entre piadas (“eu devia ter desconfiado dessa renúncia quando o papa começou a atualizar o linkedin” - @elgroucho ; “Popes can retire???” - The Ghost Of Pope John Paul II” - @The_Shiznit ; “se nem o papa aguentou, eu é que num vou né “ - @alechandracomix ; “#Pope Benedict XVI isn’t retiring, he’s being rebooted in a new universe with a revamped outfit and all new continuity” - @JerkSuperman), notícias a partir da revisão de fatos passados (“Somos todos pecadores’, disse papa no Twitter um dia antes da renúncia” - @g1) e tentativas de apuração (“Vaticano nega que doença tenha sido o motivo da renúncia do Papa” - @g1 ; “Decisão de Bento XVI é prevista no Código de Direito Canônico e não pode ser contestada” - @ultimainstancia ; “A Cúria Romana tornou-se um monstro ingovernável que o próprio Papa já não consegue controlar” - @Publico).

O jornalismo, com sua natural construção da intriga para explicar o fenômeno, recorreu à memória: a última vez em que ocorreu uma renúncia foi em 1.415, quando Gregório XII foi forçado a abdicar para colocar fim ao Grande Cisma do Oriente e reunificar a Igreja. Antes dele, Bento XI, em 1.045, renunciou para vender o cargo a Gregório VI que, por sua vez, foi obrigado a sair um ano depois. Esta busca pelo passado provocou uma interseção entre o medievo e a atualidade, servindo para reforçar a instituição Igreja enquanto poder secular, lembrando a História e “antiguidade” do poder papal.

As matérias seguintes à renúncia de Bento XVI passaram a focar no homem Joseph Ratzinger: velho, cansado, desiludido - a representação era do ser humano, e não mais do líder divino. Em um interessante processo simbólico, o papa se tornava humano. Como não havia morrido para ser divinizado, foi necessário articular um discurso voltado para o homem comum, o ser ordinário e, assim, abrir caminho e espaço para ser preenchido por um novo ser sagrado. Um novo papa.

³ *Top da Semana*. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/top-da-semana/09-de-fevereiro-a-15-de-fevereiro.htm> Acessado em 03/10/13.

⁴ Revista Carta Capital, 20/02/13.

A revista *Veja* trouxe na capa, uma semana após o acontecimento (20 de fevereiro de 2013), “O SACRIFÍCIO/ DE BENTO XVI PARA/ SALVAR A IGREJA” (figura 1). Partindo de uma perspectiva positiva, a reportagem escreveu que o papa “deu um sopro de vida a uma instituição, erguida há 2000 anos, adoecida neste momento por padres pedófilos, escândalos financeiros, choques de egos e vazamento de documentos” (p.74). Entretanto, o sacrifício de “salvar” a Igreja não é feito pelo ser divino, mas pelo homem: “É fato que ele padece de males inerentes à idade avançada, como demonstram o uso de uma bengala e a plataforma móvel, empurrada por funcionários” (Sabino, 2013: 76), e encerra:

“Não importa quem seja o novo papa, sua tarefa urgente será livrar a vinha do Senhor das ervas daninhas e, desse modo, honrar o ato de coragem do homem que, fatigado da luta contra as ameaças à ‘Igreja de verdade’, dedicará os seus últimos dias a cultivar o jardim do convento Mater Ecclesiae. Simples e humildemente” (Sabino, 2013: 81).

Em perspectiva oposta, a revista *Carta Capital* de 20 de fevereiro de 2013 (mesmo dia de *Veja*) traz na capa que “a renúncia de Bento XVI expõe uma Igreja retrógrada, corrupta, acuada por escândalos sexuais e incapaz de se adaptar ao mundo contemporâneo” (figura 2). Mais uma vez é dada atenção ao homem em detrimento do divino, com suas falhas físicas e morais: “É mais idoso do que a maioria dos antecessores ao morrer, mas goza dos benefícios da medicina moderna. Fez há três meses uma pequena cirurgia para trocar as baterias de seu marca-passos e sofre de artrite” (Costa, 2013: 50) e continua “e como sua renúncia evidenciou, também é incapaz de controlar o conluio de interesses empresariais, políticos e clericais que ajudou a alimentar e hoje travam as tentativas de reforma tanto de reforma do Vaticano quanto da Itália” (Costa, 2013: 53).

As duas revistas trataram a renúncia de forma diferente, mas ambas apontaram o papa como um ser humano comum, aberto a falhas (caso explorado por *Carta Capital*), mas também ao sacrifício (e neste sentido o fato de ser apenas um homem o torna ainda mais especial aos olhos de *Veja*). Das duas maneiras, Bento XVI deixa de existir para dar lugar a Ratzinger, o homem que iria agora apenas “cultivar o jardim do convento” e que, segundo a *Carta Capital* “provavelmente será sucedido por um europeu igualmente conservador e intransigente para com os pecados da massa, mas mais tolerante para com os da Cúria, que manterá a Igreja no caminho firme, reto e seguro da decadência” (Costa, 2013: 53). A previsão pessimista da revista é importante para compreender, logo mais, a surpresa do anúncio do argentino Bergoglio. De qualquer forma, a imprensa auxiliou na retirada de cena de Bento XVI e no diagnóstico de um espaço vazio que precisava ser preenchido.

A preparação para o Conclave (processo eleitoral de escolha de um novo papa pelos cardeais) criou mistério e se apresentou em uma narrativa midiática de suspense, com direito a especialistas (os “vaticanistas”) que, tal qual comentaristas

de futebol, faziam previsões a respeito dos possíveis novos papas⁵. Baseados na memória, estes especialistas buscavam prever o futuro com base no passado, analisando últimos conchaves e buscando explicar as relações da tradição católica com seus anseios nos tempos contemporâneos. No Brasil a imprensa trouxe uma mistura de torcida com análises mais sérias na tentativa de defender um papa brasileiro. E todo o processo eleitoral e sua história foram dia a dia insistentemente explicados em detalhe pelo jornalismo: como excepcionalmente não se tratou de uma morte, mas renúncia, os meios de comunicação tiveram pela primeira vez condições de se preparar para a eleição com antecedência, podendo se programar – a partir de um acontecimento inesperado – para um acontecimento esperado, com dia marcado.

Todo o simbolismo do ritual e a história da instituição foram rerepresentados a partir da referência à memória social católica, atualizando constantemente a instituição Igreja, que mais uma vez se tornou relevante midiaticamente. Toda a performance do conclave reverenciava a instituição, trabalhando para o estabelecimento de um novo líder tal qual a coroação de um rei.

3. IGREJA E MEMÓRIA

Segundo Amaral (2011), foi com o édito de Milão, no ano de 313, que o imperador romano passou a ser o *vicarius Christi* cujo papel, junto com os bispos, era o de propagar a fé e manter a unidade do império, lutando contra aqueles que a ameaçassem. Para exercer essas novas funções, ele deveria presidir concílios nos quais se elaboravam decisões dogmáticas e canônicas. Assim, no plano das representações, havia uma quase-identificação entre Igreja e império. Com o fim do Império Romano, a Igreja se transformou, dos séculos V ao VII, na principal instituição da área ocidental do império. Na tentativa de integrar todas as instituições eclesásticas sob o primado do papa, a Igreja servia não apenas à religião, mas também ao sistema de práticas e comportamentos coletivos. Sua função ideológica contribuiu para o estabelecimento de uma tendência de sacralização das instituições e do poder. “Dava-se não só a indistinção da Igreja e do Estado, quanto da Igreja e da Sociedade, embora persistisse uma tensão prática, devido à existência de dois poderes, um tentando subordinar o outro” (Gomes, 2002, p. 47). De acordo com Le Goff (1990), a política do período medieval seria a província do religioso, e por isso o autor defendeu que o estudo do político deveria ser realizado por meio do simbólico: a luta pela hegemonia do sagrado entre a Igreja e a realeza se dando através da apropriação de símbolos.

“Mais que uma delegação de poder (significando pela coroação: *rex Deo coronatus*, ‘rei coroado por Deus’), a sagração assegura que pela unção insuflaram-se forças sobrenaturais, garante a manifestação da outorga de algumas dessas forças pela

⁵ “Vaticanistas: conheça uma turma muito estranha”. *Blog do Noblat*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2013/03/09/vaticanistas-conheca-uma-turma-muito-estranha-por-mauricio-savarese-489118.asp> Acessado em 02/06/13.

entrega de *insígnias* simbólicas de poder. O *religioso*, mais difícil de definir numa sociedade que quase não tem a idéia do *civil*, mas que distingue o temporal do espiritual, é tudo aquilo que concerne ao funcionamento essencialmente assegurado pela Igreja. A função religiosa da monarquia consiste então em permitir, em aderir e em favorecer o papel e a ação da Igreja” (Le Goff, 1990: 734).

Com o fracionamento do império carolíngio, houve o processo de feudalização das instituições eclesiásticas, e as invasões dos séculos IX e X ajudaram a abalar as estruturas da Igreja. Um século depois, setores do clero começaram a reivindicar reformas, mudando a estrutura da instituição. Houve então um reforço dos poderes dos papas e dos bispos, criando-se uma hierarquia buscando controlar os fiéis de modo centralizado. Tratou-se de reforçar o poder dos clérigos, distinguindo-os dos leigos e também garantindo o monopólio jurisdicional da Igreja romana, transformando Roma no centro da cristandade ocidental. Houve a recomendação do celibato para os membros da Igreja e um movimento para sacralizar as instituições eclesiásticas e de dessacralizar, parcialmente, as demais instituições, aumentando a distância entre a esfera temporal e a espiritual.

O movimento teve a colaboração dos reis que, ao contrário dos imperadores, não tinham pretensões universalistas. Assim, ao mesmo tempo em que conseguiam hegemonia local com o apoio religioso, subordinavam-se ao poder do papado. Em 1059, o papa Nicolau II reservou apenas aos cardeais-bispos o direito de escolher o papa, e Gregório VII proibiu o imperador de investir bispos com o anel e a cruz. Com o pontificado de Calisto II foi acordado que o imperador faria a investidura pelo cetro e a Igreja pelo anel e pela cruz. O cristianismo medieval buscava a unidade da cristandade, mas a centralização criou uma noção de subordinação do poder temporal ao poder espiritual que resultou em maior sacralização do poder espiritual (*sancta Ecclesia*) e a parcial dessacralização do poder temporal (*sacrum Imperium*). Para Gomes (2002) dava-se o primeiro passo para o advento posterior dos Estados Modernos.

Até o século XIV, Estado e Igreja lutaram para exercer a hegemonia política e ideológica no Ocidente e, apesar de separada da nobreza, a Igreja manteve a ritualística, associando seus simbolismos próprios ao sagrado, além de definir hierarquicamente os poderes da instituição e apresentar o papa como uma espécie de imperador detentor do divino.

“Empréstimos e trocas mútuas de insígnias, símbolos políticos, prerrogativas e honrarias sempre se realizaram entre os líderes espirituais e seculares da sociedade cristã. O papa adornava sua tiara com uma coroa dourada, vestia púrpura imperial e era precedido pelos estandartes imperiais ao caminhar em procissão solene pelas ruas de Roma. O imperador usava sob a coroa uma mitra, calçava os sapatos pontificais e outros trajes clericais e recebia, como um bispo, o anel em sua coroação. Esses empréstimos afetavam, na Alta Idade Média, principalmente os governantes, tanto espirituais como seculares, até que finalmente o *sacerdotium* possuía uma aparência imperial e *regnum* um toque clerical” (Kantarowicz, 1998: 125).

O anúncio e posse de um papa se assemelham à coroação real, em um processo de sacralização que transforma, pelos poderes da instituição, um bispo

em não apenas líder, mas homem santo e, em tempo de instantaneidade midiática, celebridade em todo o mundo. A Igreja, enquanto instituição, faz uso de sua memória instituída, dos valores relativos à sua história e do simbolismo para construir a figura de um homem célebre.

Le Goff (1998) aponta o papel importante da memória coletiva na evolução das sociedades, e enquanto instrumento e objeto de poder, ela é uma pista para se pensar o simbolismo das instituições. Para Berger e Luckmann (1985), estando ligada ao simbólico e ao imaginário, a instituição, como modo de partilhamento de natureza não-individual, liga-se à noção de memória social. Afinal, como afirma Le Goff, a memória comum é criada na inter-relação social, sendo conformada e perpetuada pelo Estado e pelos meios sociais e políticos.

“Fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também à vida social. Esta varia em função da presença ou da ausência da escrita e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado, produz diversos tipos de documentos/monumentos, faz escrever a história, acumular objetos” (Le Goff, 1998: 419).

O partilhamento de normas institucionais se dá por meio de diversas interações: pensando as instituições como modos de partilhamento de natureza não individual, chega-se a uma concepção de relações em uma dinâmica coletiva. A troca de informações coloca relações em articulação, conformando não apenas um habitus específico, mas partilhando memórias, pressupondo-se a existência de uma “comunidade afetiva” (Halbwachs, 1990). A memória individual não prescinde dos quadros sociais, ou seja, grupos e instituições – como a Igreja – que ofertam informações partilhadas que dão origem ao simbólico que configura a instituição e sua memória que precisa se perpetuar.

Durante o conclave, a memória foi usada para criar expectativa ao mesmo em que sacralizava o acontecimento, criando um personagem - o papa - antes mesmo que algum nome fosse anunciado.

4. LÍDER OU CELEBRIDADE?

As celebridades podem ser entendidas como figuras públicas que ocupam o espaço de visibilidade da mídia e são construídas discursivamente (Marshall, 1997). Na contemporaneidade, cunhou-se o termo de “celebridade” para nomear aquelas pessoas que se tornam conhecidas e cultuadas sobretudo em decorrência de um processo de ampla exposição e visibilidade midiática. As possibilidades de ascensão ao status de celebridade se ampliaram nos tempos atuais, e acentuaram seu caráter superficial e circunstancial. Porém, independente do tempo que duram, as celebridades têm em comum o poder de suscitar interesse e adesão; uma imagem pública forte, admirada, respeitada e capaz de mobilizar e sensibilizar grande audiência. Isto acontece porque condensam noções e valores que são partilhados de forma coletiva por um grupo. De acordo com Simões (2011), as celebridades não existem como

entidades pré-estabelecidas que são simplesmente dadas a ver pela mídia, mas emergem a partir das diferentes interações que se estabelecem entre os indivíduos, a mídia e o contexto social.

Em um momento como o conclave, a construção da imagem do papa – antes do anúncio – apresentava-se discursivamente como resultado da memória própria da instituição associada a valores modernos, que iam desde o ufanismo (por um papa brasileiro, por exemplo) até as discussões envolvendo corrupção na Igreja, carisma e utilização de redes sociais. O anúncio iria ser o cerne do acontecimento, que faria convergir todos os valores e discursos em uma só pessoa. O líder é escolhido pela instituição, mas os rituais e a cobertura midiática criam o discurso que o transformam em celebridade. Ao narrar um evento que marca a vida de uma celebridade, a mídia se expressa através da linguagem em interação com os indivíduos que manipulam os dispositivos sociais e midiáticos e os materiais disponíveis para construir os discursos sobre a celebridade, bem como o ambiente cultural e social em que o ato se inscreve. Esta atividade reativa significações que marcam experiências anteriores da celebridade em foco, assim como é afetada pelos novos desafios que o acontecimento coloca. São articulações de diferentes temporalidades (passado, presente e futuro) que atuam na configuração das celebridades e, neste processo, o público emerge como paciente (é afetado pela escolha do papa) e como agente (compartilha experiências desde as redes sociais até a performance pública na Praça São Pedro que autoriza a criação da celebridade: a exemplo dos súditos que iam saudar um novo rei). Ocorre uma espécie de manipulação do imaginário social, em que tudo é preparado para que um ser humano se transforme em sagrado instantaneamente, a partir das palavras “mágicas” *Habemus Papam*.

Para Carvalho (1990), a manipulação do imaginário social é importante em momentos de mudança política e social, de redefinição de identidades coletivas, onde é necessário manipular sentimentos para criar um novo sistema político. A produção de imagens e ideias forma um imaginário social, um conjunto de representações sobre os seres humanos, sobre as coisas. É nesse imaginário que as sociedades definem suas identidades e objetivos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias, mas também por símbolos, alegorias, rituais e mitos, elementos poderosos na projeção de interesses, aspirações e anseios coletivos. Ao encontrar um terreno social e cultural, este imaginário cria raízes, solidifica-se, modelando visões de mundo e condutas sociais. Em suma, atua na manutenção do poder ou a sua justificação perante as massas. É o que faz a Igreja durante o conclave, contando com o reforço dos meios de comunicação (figura 3).

5. HABEMUS PAPAM

Em um processo medieval que, como citado, não por acaso possui ecos de coroação real (outro acontecimento capaz de criar uma figura destinada à eternidade),

a eleição papal faz uso de uma performance própria, com cada papel muito bem definido e a transformação da fumaça de índice a símbolo. Entre a fumaça preta que significa a não-eleição, passando pela branca da confirmação do novo eleito até as horas que se estendem para se ter finalmente a revelação do novo nome (escolhido e também simbólico) a ser mundialmente conhecido, a Igreja e suas representações pela mídia fundam o momento constituidor de uma personalidade.

A fumaça branca atua como algo especial, e é aplaudida independente de quem foi o escolhido, uma vez que surge antes do nome do novo papa ser tornado público. Ela já é a confirmação de um líder que também é célebre, pois já surge agregado a valores seculares, confirmados pelo ritual do conclave (figura 4). O que se viu após o anúncio do novo papa no dia 13 de março de 2013 – um acontecimento programado - foi a criação desta celebridade instantânea: Jorge Mario Bergoglio se tornou conhecido em todo o mundo, adotando o nome Francisco. Criou-se uma tentativa de construção biográfica do escolhido, que flutuava entre o sagrado e o profano. A escolha do nome Francisco apelava simbolicamente à humildade de Francisco de Assis, que associada ao físico franzino de Bergoglio automaticamente criaram simpatia pelo novo papa. A celebridade estava ali funcionando na convergência de valores perdidos na contemporaneidade - amor ao próximo e humildade -, além do aspecto da globalização na escolha do primeiro papa latino americano. A comparação com o antecessor Bento XVI em termos de simpatia também atuou no discurso, criando uma nova persona que passou a ser representada pelo nome e pela nacionalidade.

Marcar a diferença (Francisco, jesuíta, argentino) parece ser o primeiro passo do jornalismo na representação do papa (figura 5 – 10). A memória mais uma vez utilizada para articular discursivamente o novo líder, ao mesmo tempo em que o caráter de exceção era usado pela mesma mídia para construir no presente um momento histórico, acontecimento destinado à memória social. Pela internet surgiram os contra-discursos iniciais, em uma tentativa de desconstrução da celebridade recém-apresentada: ligações com a ditadura argentina, depoimento de provável ex-namorada (figura 11 e 12). Rapidamente a vida de Bertoglio era apresentada, refletindo na imagem de Francisco uma identidade secreta para o herói sacro.

No mesmo dia do anúncio da eleição do papa, edições online de jornais de todo o mundo começaram a apresentar informações a respeito do argentino Bergoglio e o regime militar que governou seu país entre 1976 e 1983. Conforme inicia a matéria do jornal *O Globo* do dia 13 de março de 2013⁶: “Quando ouviu o nome do novo Papa, a argentina Graciela Yorio sentiu que o mundo caía sobre sua cabeça. Para ela, Jorge Mario Bergoglio, desde hoje o Papa Francisco, é ‘autor intelectual do sequestro do sacerdote jesuíta Orlando Yorio’, seu irmão, que em 1976 esteve cinco meses detido na Escola de Mecânica da Marinha, um dos principais centros clandestinos de tortura da última ditadura argentina”. O texto apresenta o depoimento de argentinos

⁶ Figueiredo, J. (2013) “Irmã de jesuíta preso durante ditadura contesta escolha do Papa”. *O Globo* - 13/03/13. Disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/irma-de-jesuita-presos-durante-ditadura-contesta-escolha-do-papa-7834066>. Acessado em 07/05/13.

que acusam o novo papa de ser o “representante de uma Igreja que permitiu, como muitos outros atores da sociedade argentina, a perseguição, o sequestro e assassinato de milhares de pessoas”. Continuando a transformação do humano (logo, aberto a falhas) em ser divino, as notícias seguiam em busca do passado de Bergoglio, apresentando o homem que deixou de existir para dar lugar a Francisco.

“Uma suposta ex-namorada do papa Francisco deu uma entrevista à imprensa argentina nesta quinta-feira (14), um dia após o anúncio da eleição do pontífice, e contou que Jorge Mario Bergoglio teria dito que se tornaria padre caso ela se recusasse a se casar”. A matéria do *Uol Notícias* do dia 14 de março de 2013⁷ atualiza este passado criando uma narrativa quase mítica: a memória é agora revisitada seguindo o acontecimento atual, tendo todo o passado de Bergoglio sendo resignificado para indicar uma espécie de destino ao sacerdócio. Apenas ao final a matéria revela que o atual papa tinha apenas 12 anos na época do suposto namoro, algo que ao mesmo tempo em que o coloca como humano mantém a pureza associada ao cargo de papa. Esta espécie de humanização parcial funciona para que Francisco seja ainda mais admirado, uma vez que cria identificação com as pessoas “comuns”, como um dia ele teria sido.

Nesta dinâmica de constante atualização do passado - com direito à Arquidiocese de São Paulo negando conhecer Bertoglio⁸ - a memória atuou discursivamente para não apenas construir, mas estabelecer esta celebridade. E as falas em torno da escolha do novo papa revelaram valores que muitas vezes se encontram dispersos, mas que convergiram em sua figura no centro do acontecimento: percebeu-se que, para além da rivalidade Brasil e Argentina, e de ironias diversas, havia uma busca por um senso de comunidade, com uma instituição secular servindo de imã. Seja para os fiéis na Praça São Pedro, ou religiosos espalhados pelo mundo, ou apenas curiosos e até críticos ferrenhos, o acontecimento Conclave e o papa Francisco uniu as pessoas, tão dispersas em uma atualidade fragmentária.

As brincadeiras vieram desde o quadrinista Maurício de Souza (criador da *Turma da Mônica*) com o seu personagem Chico Bento (referência ao papa se nomear Francisco/Chico e ser abençoado/bento) postado no twitter no dia 13 de março de 2013 (figura 13), até desenhos anônimos circulando na internet (figura 14), fazendo “numerologia” com as coincidências envolvendo o número 13 (dia e ano da eleição do novo papa). No mesmo dia 13, sites de fofoca trouxeram declarações da socialite Val Marchiori, participante do reality show *Mulheres Ricas* da TV Bandeirantes (Brasil). “Na Itália, Val Marchiori se recusa a aceitar papa argentino” diz a manchete do portal *F5*, da *Folha de S. Paulo*. “Acho o fim escolherem um papa argentino. Que fosse brasileiro então. O cúmulo. Não aceito este papa. Sorry” são as declarações dela

⁷ “Bergoglio queria se casar com namorada de infância”. *Uol Notícias* - 14/03/13. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/03/14/bergoglio-queria-se-casar-com-namorada-de-infancia.htm>. Acessado em 08/05/13.

⁸ Alessi, G. (2013) “Arquidiocese de São Paulo diz ‘nunca ter ouvido falar’ de novo papa”. *Uol Notícias* - 13/03/13. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/03/13/arquidiocese-de-sao-paulo-diz-nunca-ter-ouvido-falar-de-novo-papa.htm>. Acessado em 09/05/13.

citadas na matéria⁹, defendendo que o Brasil, como maior país católico do mundo, deveria ter o privilégio ao invés dos argentinos. E ainda completou que a escolha de Francisco foi tão triste quanto a renúncia de Bento XVI (figura 15).

As principais revistas de informação do Brasil trouxeram o papa em sua capa, cerca de uma semana após o acontecimento. Depois de toda a repercussão do acontecimento na internet, as edições buscaram discussões mais aprofundadas a respeito da eleição de Bergoglio, conforme o editorial assinado por Helio Gurovitz, Diretor de Redação de revista *Época*:

“No passado, o leitor esperava de uma revista semanal um resumo dos acontecimentos da semana. Isso mudou faz tempo. Agora, nesta era em que informações pipocam em redes sociais, blogs e vídeos digitais, cabe a nós oferecer aquilo que ninguém mais pode: profundidade, inteligência e amplitude, as características essenciais do jornalismo em revista” (Gurovitz, 2013: 8).

Entre *Carta Capital* (20/03/2013), *Isto É* (20/03/2013) e *Época* (18/03/2013), *Veja* (20/03/2013) é a única publicação que traz Francisco de frente, encarando o leitor (figura 16). Trata-se de um papa mais próximo, diferente daquele visto à distância, de perfil, nas outras capas (seja mais humano – com o chimarrão na *Carta Capital* – ou mais solene, abençoando os fiéis).

Época, a mais ufanista em relação a um papa brasileiro, tentou explicar a escolha de um argentino: “Para surpresa e decepção da torcida brasileira, o arcebispo de Buenos Aires entrou no conclave como cardeal e saiu papa – e o de São Paulo, Dom Odilo Scherer, entrou como papa e saiu cardeal” (Rezende, 2013: 48). A *Isto É* preferiu abordar a rivalidade entre os países: “Como torcedores fanáticos, contabilizam cinco prêmios Nobel, duas estatuetas do Oscar, a próxima rainha da Holanda, Máxima de Orange, o maior craque do mundo, Lionel Messi, o deus Maradona e agora seu representante terreno, o papa Francisco” (Moreira, 2013: 54). O uso de palavras referentes a torcida revela o aspecto de entretenimento com que foi tratada a escolha do novo líder da Igreja. *Veja*, por sua vez, consolou os ufanistas apresentando Francisco como alguém sem nação: “As paixões nacionalistas que coloriram com bandeiras a Praça de São Pedro, no Vaticano, enquanto a multidão esperava o anúncio do nome do novo papa, são manifestações sem nenhum significado maior ou duradouro. O papa não tem nacionalidade”.¹⁰ Já *Carta Capital* preferiu uma análise política, apresentando a escolha de um sul-americano como estratégia do Vaticano:

“Estamos no subcontinente de Correa e Morales, de José Mujica e Cristina Kirchner, de Lula e Dilma Roussef, todo um pessoal empenhado em tomar rota própria, e a contar com vento de popa na economia. Seria Francisco I o discípulo da geopolítica de Wojtyla aplicada em uma América rebelde?” (Carta, 2013: 48).

Em comum todas as publicações marcaram a diferença, o “profundo e histórico significado da escolha do nome do Santo dos Pobres” (conforme escreveu *Veja* em sua

⁹ “Na Itália, Val Marchiori se recusa a aceitar papa argentino”. F5 - 13/03/13. Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/1245604-na-italia-val-marchiori-se-recusa-a-aceitar-papa-argentino.shtml>. Acessado em 09/05/13.

¹⁰ Revista *Veja*, 20/03/13. Carta ao Leitor - ‘Servus servorum Dei’, São Paulo: Editora Abril: p. 13.

capa) e a origem do eleito. Um acontecimento que, apesar de programado, rompeu com expectativas, permitindo que discursos diversos orbitassem ao seu redor.

Da ditadura Argentina a personagens de história em quadrinhos, o acontecimento juntou discursos diversos, revelando um pouco da multiplicidade de valores contemporâneos. Na figura da celebridade Francisco se refletiu o papel da liderança no mundo atual: retomando Bauman (2000), hoje temos conselheiros (exemplos) e não líderes, por não haver mais um projeto coletivo. Francisco se tornou naquele momento um exemplo, sendo criticado como homem e adorado como santo. Sua eleição e apresentação marcou a diferença pela novidade tão valorizada na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que atualizava valores e sentidos seculares. Neste encontro entre o atual e o antigo, presente e passado, memória e atualidade, Francisco mostrou, por alguns instantes, a complexidade do contexto humano atual.

6. APONTAMENTOS FINAIS

A renúncia de Bento XVI é um acontecimento que reverberou e continuou até o anúncio de Francisco I. A escolha do novo papa parece ter sido capaz de fechar um acontecimento ao mesmo tempo em que abria outro, resignificando o passado e confluindo valores dispersos. A tradição da instituição Igreja fez uso da memória para dar conta desta articulação, integrando os diferentes acontecimentos em um mesmo conjunto significativo, um imaginário que buscava o diálogo entre o secular e o atual.

Em um primeiro momento, os meios de comunicação atuaram na humanização do papa emérito, abrindo espaço para sua substituição. A memória social foi utilizada na narrativa jornalística para marcar a raridade do momento, lembrando a antiguidade da instituição católica. Este olhar para o passado continuou com as reverberações do acontecimento, buscando a descrição do conclave a partir da história da Igreja. Como liga do presente com o passado, a memória atuou com importância no anúncio de Jorge Bergoglio como papa, sendo tensionada pelo ineditismo de um argentino com o nome Francisco e pelos valores de humildade e fraternidade associados ao nome.

O poder de afetação do acontecimento com seu caráter hermenêutico, associado à memória social, auxiliaram na convergência de valores e sentidos na figura do papa Francisco, representante de uma instituição secular e também de significados contemporâneos. O líder precisa se estabelecer também como uma celebridade para que seus exemplos atinjam o maior número de pessoas. A celebridade instantânea do papa fomentou discursos favoráveis e contrários, sendo exemplo e contra-exemplo para pessoas do mundo todo. As redes sociais atuaram ativamente neste processo ao lado das instituições jornalísticas, reforçando que mesmo “sagrado”, o líder da contemporaneidade precisa possuir uma faceta humana para dar o exemplo. Não basta apenas seguir, é necessária alguma identificação. Neste sentido, o homem e o santo que se chocam na figura de Francisco funcionam como

celebridade carismática, em um processo em que memória e acontecimento atuam em conjunto para atrair atenção e dispersar valores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral, C. (2011) 'Império, papado e poder monárquico', *Revista Tessituras n. 3*, Nova Friburgo.
- Baschet, J. (2006) *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo.
- Bauman, Z. (2000) *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Berger, P. & Luckmann, T. (1985) *A Construção Social da Realidade*, Petrópolis: Vozes.
- Bloch, M. (1998) *Os Reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio*, São Paulo: Cia. das Letras.
- Brown, P. (1990) 'Antiguidade tardia'. In: P. Ariès, G. Duby. (Orgs.), *História da vida privada. Do império romano ao ano mil*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Brown, P. (1999) *A ascensão do Cristianismo no Ocidente*, Lisboa: Editorial Presença.
- Carta, G. (2013) 'Um Wojtyla na América do Sul?', *Carta Capital*: edição 740, São Paulo: Editora Confiança, 20/03/13.
- Carvalho, J. (1990) *A formação das almas*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Chartier, R. (1990) *A história cultural entre práticas e representações*, Lisboa: Di.
- Coronato, M.; Martins, I.; Mendonça, M. (2013) 'Por que não um brasileiro?', *Época*: edição 769, São Paulo: Editora Globo, 18/02/13.
- Costa, L. (2013) 'O Papa dos Lobos', *Carta Capital*: edição 736, São Paulo: Editora Confiança, 20/02/13.
- Dunley, G. (2005) *A festa tecnológica: o trágico e a crítica da cultura informacional*, São Paulo: Ed. Escuta.
- Durand, G. (2002) *As estruturas antropológicas do imaginário*, São Paulo: Martins Fontes.
- Fernandes, F.; Rubim, S.; Steinke, R. (2007) 'Imaginário Social e Figuras Imagéticas: a busca da legitimação do poder do príncipe no Estado Moderno', *VI Jornada de Estudos Antigos e Medievais*: Maringá.
- Fontes, J. (2000) *Percursos e memória: do Infante D. Fernando ao Infante Santo*, Cascais: Patrimonia.
- Gomes, F. (2002) 'A cristandade medieval entre o mito e a utopia', *Topoi: Revista de história do programa de pós-graduação em história social da UFRJ*. Vol. 5: 221-231.
- Gurovitz, H. (2013) 'Editorial', *Época*: edição 773, São Paulo: Editora Globo, 18/03/13.
- Halbwachs, M. (1990) *A Memória Coletiva*, São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Kantorowicz, E. (1998) *Os dois corpos do rei: um estudo sobre a teologia política medieval*, São Paulo: Cia. das Letras.
- Kress, G. (2003) *Literacy in the new media age*, London: Routledge.
- Le Goff, J. (1998) *História e Memória*, Petrópolis: Vozes.

- Le Goff, J. (1990) *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições.
- Maffesoli, M. (1979) *Espaces et imaginaire*, Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Marshall, D. (1997) *Celebrity and power: fame in contemporary culture*, Minneapolis, London: University of Minnesota Press.
- Matozzo, A. (2007) 'A representação da imagem papal no gênero reportagem', *Luminária n. 8*, União da Vitória: 99 – 111
- Moreira, D. (2013) O berço do pontífice na bacia do prata', *Isto É*: edição 2261, São Paulo: Editora Três, 20/03/13.
- Rezende, M. (2013) 'Jorge Mario Bergoglio, o papa Francisco', *Época*: edição 773, São Paulo: Editora Globo, 18/03/13.
- Ribeiro, M. (1997) *A vida na Idade Média*, Brasília: UNB.
- Sabino, M. (2013), 'Como um raio divino', *Veja*: edição 2309, São Paulo: Editora Abril, 20/02/13.
- Simões, P. (2011) 'A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades', *Líbero (FACASPER)*, v. 14: 129-140.
- Siqueira, A. (2011) 'As representações do corpo na idade média', *Revista Vivência n. 37*, Lagoa Nova: 49 – 58.
- Strayer, J. (1972) *As origens medievais do Estado Moderno*, Lisboa: Gradiva.
- Veja*: edição 2313, São Paulo: Editora Abril, 20/03/13

ANEXOS



Figura 1: Capa Veja - 20/02/13



Figura 2: capa Carta Capital - 20/02/13



Figura 3: Página oficial do Twitter do Vaticano - 13/03/13



Figura 4: Capa do portal The Huffington Post - 13/03/13



Figura 5: Jornal Folha de S. Paulo (Brasil) - 13/03/13



Figura 6: Al Jazeera (Qatar) - 13/03/13



Figura 7: BBC (Inglaterra) - 13/03/2013



Figura 8: Jornal Público (Portugal) - 13/03/13



Figura 9: Jornal El País (Argentina) - 13/03/13



Figura 10: Jornal O Estado de S. Paulo (Brasil) - 13/03/13

Irmã de jesuíta preso durante ditadura contesta escolha do Papa

· 'Igreja Católica escolheu uma pessoa que foi cúmplice de um governo genocida'

TÓPICOS DA MATÉRIA: PAPA

Recomendar 314 Tweet 48 +1 3 COMENTAR

JANAÍNA FIGUEIREDO (EMAIL · FACEBOOK · TWITTER)
CORRESPONDENTE (FACEBOOK · TWITTER)

Publicado: 13/03/13 - 20h34 Atualizado: 13/03/13 - 20h38



dafiti
SUPERLIQUIDAÇÃO
70% OFF
POLOS A PARTIR DE
R\$ 49,90
*VÁLIDO APENAS PARA PRODUTOS SELECIONADOS

COMPRE AGORA

AGORA EM DESTAQUE

O primeiro Papa não Europeu em mais de mil anos



Escolha do cardeal jesuíta argentino Jorge Mario Bergoglio surpreende o mundo

Eleição do Papa gera bate-boca no Congresso argentino

Figura 11: Jornal O Globo – 13/03/13



Figura 12: Charge do cartunista brasileiro Latuff – 13/03/13



Figura 13: Twitter oficial do desenhista brasileiro Mauricio de Souza - 13/03/13



Figura 14: "Meme" compartilhado pelo Facebook (autor desconhecido) -13/03/13



Figura 15: Portal F5 (Brasil) - 13/03/13



Figura 16: capas das edições especiais das revistas Carta Capital, Isto É, Época e Veja